

A ‘comédia humana’ de Emma Dante



©Rosellina Garbo

Emma Dante não se apresentava em Almada desde 2014, quando trouxe ao Palco Grande as inesquecíveis *Irmãos Macaluso*. Neste inter-regno, a criadora siciliana consolidou uma das mais fulgurantes carreiras da cena teatral europeia, sendo presença regular nos principais festivais e teatros europeus. Com um percurso que abarca o cinema e a encenação de ópera, para além da escrita de teatro e de ficção, Dante mantém em actividade a sua companhia Sud Costa Occidentale, fundada em 1999 em Palermo. Partindo da sua condição meridional, a encenadora tem abordado nas suas criações alguns dos temas mais prementes nas vidas dos povos do Sul da Europa. *Extra Moenia*, que este ano encerra o Festival,

denuncia “as atrocidades do nosso tempo”, como referiu a criadora ao *La Repubblica*, e conta com a participação de Verdy Antsiou, um migrante africano que desembarcou na Sicília como refugiado.

Extra moenia é uma locução latina que significa ‘fora de muros’. Indica um acontecimento ou uma actividade desenvolvidos fora da sede apropriada, fora da própria residência. Neste espectáculo contam-se alguns dos momentos de um dia qualquer, de uma comunidade que acorda, que se prepara, e que sai de casa para enfrentar o Mundo. Os acontecimentos sucedem-se sem uma trama precisa, num crescendo de sons, palavras e gestos. Há um ferroviário, uma mulher ucraniana que esca-

pou aos bombardeamentos, um migrante que chega do Congo, um militar que faz a exaltação da guerra, um casal de namorados que juram amor eterno sem que ela se decida a casar com ele, uma família religiosa, uma mulher iraniana, dois futebolistas do Palermo; há uma violação de grupo; uma longa lista de proibições; há o grito de protesto e o canto da esperança. Todos estão na rua, todos estão fora dos muros da casa, prontos a viver em conjunto as maravilhas e as misérias da vida. *Extra moenia*, de Emma Dante, consiste numa batalha alegórica que denuncia as atrocidades do nosso tempo.

Para a criadora siciliana, esta sua última criação consiste numa “comédia humana” mais performativa do que propriamente narrativa. O conjunto de quatorze personagens surgiu de um *atelier* que dirigiu no Teatro Biondo, em Palermo, com um grupo de estudantes: esse material foi posteriormente desenvolvido pelo elenco da sua companhia, a Sud Costa Occidentale. Segundo Emma Dante: “Essas personagens são as pessoas que encontramos nas nossas cidades. Falamos muito da violência sobre as mulheres, sobre a educação sentimental e sobre o patriarcado. Fiz questão de ter entre as personagens uma mulher iraniana que, quando se despe, transforma o seu corpo privado num corpo público, como fez a estudante do *campus* universitário de Teerão. Mostrarmos e identificarmo-nos com a dor do ‘outro’ é, em grande medida, também compreendê-lo: a dor que existe no Mundo faz mal, mas poder vê-la em cena, no teatro, faz bem”.

Amanhã à noite no Palco Grande.

“Estarmos aqui é uma vitória da democracia”

O “dia do Equador” d’*O sentido dos Mestres*, como lhe chamou Alberto Conejero (por estarmos a meio do curso), começou com o significado original (grego) da palavra ‘teatro’: “o sítio onde vamos ver”. O teatro tem, então, na sua origem uma condição sensorial e pragmática – não é feito apenas de pensamento e ideias.

O teatro é sempre um local de dignidade por ser um espaço radicalmente humano. É onde vemos o universal das nossas vidas. Não copia a realidade: “é a própria realidade” com uma dimensão espiritual (é, na verdade, uma “prática espiritual laica”) e metafórica, um lugar poético e de transcendência. É onde vamos

para vermos, para ‘nos’ vermos e sentirmos que “continuamos vivos e estamos juntos”.

“Que neste mundo se continue a fazer teatro, que o teatro ainda não tenha acabado, é um facto espantoso, um prodígio incrível. Estarmos todos aqui hoje, juntos, a falar de teatro é uma vitória da democracia”.

A sessão continuou focando-se no Tempo teatral: falámos do seu carácter efémero: sendo um “espelho da humanidade” é a imagem das nossas vidas e tem de acontecer num período definido (normalmente curto). É assim necessário sintetizar a vida das personagens: temos de saber quem eram antes de a peça começar, e quem serão depois de acabar. Quem escreve teatro nunca se pode esquecer de que as personagens estão vivas antes de as

vermos no palco, e que tudo o que sabemos do seu passado é justificado por ser informação crucial para entender o seu presente. Escrever é escolher. Neste ponto o dramaturgo deixou-nos um exercício: pensarmos na nossa vida em sete episódios essenciais, depois em três e finalmente em apenas um. E aí temos uma peça de teatro. (Só faltará escrevê-la).

E, para terminar, qual será então a tal obra obrigatória para quem quer escrever teatro? *Hamlet, príncipe da Dinamarca*, de Shakespeare, *¡por supuesto!* “Espero que este curso vos dê vontade de escrever”, disse Conejero. De escrever, de ver, de estar e de amar (n) o teatro. Obrigada Alberto!

INÊS RODRIGUES

Eleição do Espectáculo de Honra 2026

A eleição da peça que regressará em 2026 como Espectáculo de Honra decorre amanhã, à entrada para o espectáculo do Palco Grande. A lista de peças a votação é a seguinte:

«**Les gros patinent bien – cabaret de car-ton**», um espectáculo de Pierre Guillois e Olivier Martin-Salván, pela Compagnie Le Fils du Grand Réseau;

«**Um adeus mais-que-perfeito**», de Peter Handke, encenação de Teresa Gafeira, pela Companhia de Teatro de Almada;

«**A casa morreu – Diário de uma República III**», a partir de fotografias de Augusto

Brázio, direcção artística de Fernando Giestas, pela Amarelo Silvestre;

«**Há qualquer coisa prestes a acontecer**», de Victor Hugo Pontes, pela Nome Próprio
«**S'assurer de ses propres murmures**», de Julien Clément e Pierre Pollet, pelo Collectif Petit Travers;

«**Monóculo, retrato de S. von Harden**», de Stéphane Ghislain Roussel, encenação de Rui Neto, pela LOBOMAU produções;

«**El Rey que fue**», de Albert Boadella e Ramon Fontserè, encenação de Albert Boadella, pelos Els Joglars;

«**El mar – visión de unos niños que no lo han visto nunca**», uma criação de Xavier Bobés e Alberto Conejero;

«**Teatro Delusio**», de Paco González, Björn Leese, Hajo Schüller e Michael Vogel, pelos Familie Flöz;

«**Zugzwang**», de Mathieu Bleton, Mosi Espinoza, Jonas Julliard, Karim Messaoudi e Cyril Pernot pelo, pelo Galactik Ensemble;

«**Quatro cantos num soneto**», de Fernando Duarte, e «**The Look**», de Sharon Eyal, pela Companhia Nacional de Bailado.

“Um adeus” encerra Colóquios na Esplanada

O último Colóquio na Esplanada deste ano acontece amanhã, com a participação de Teresa Gafeira e Pedro Proença, respectivamente a encenadora e o dramaturgista de *Um adeus mais-que-perfeito*, que a Companhia de Teatro de Almada tem em cena na Sala Experimental do Teatro Municipal Joaquim Benite, e que reporá no início do ano que vem. Ontem, a propósito deste espectáculo, o diário espanhol *La Razón* sublinhava que: “Teresa Gafeira dirigiu um espectáculo que potencia a materialidade do texto original, ao dividir em dois a voz do protagonista – muito bem interpretado por Duarte Guimarães e por Pedro Walter. Esta opção explora as tonalidades mais emotivas do texto, nem sempre fáceis de encontrar na prosa de Handke, profunda e inteligente, mas também fragmentada do ponto de vista gramatical”. O último Colóquio desta edição acontece às 18h00 e contará com a moderação de Teresa Dias Mendes.

O Livro do Dia



2€ nas bancas do Festival

Agenda de Amanhã

CURSO “O SENTIDO DOS MESTRES” COM ALBERTO CONEJERO

Casa da Cerca — 15H00

CONVERSA COM TERESA GAFEIRA E PEDRO PROENÇA

Esplanada — 18H00

QUATRO CANTOS NUM SONETO & THE LOOK

TMJB — 19H00

LA TREMENDA SONORA

Esplanada — 20H30 & 24H00

EXTRA MOENIA

Escola D. António da Costa — 22H00

A Escola no Festival

Durante o Verão, quando a maior parte das escolas fecha, a D. António da Costa vive o seu momento mais intenso. Palcos ao ar livre, uma esplanada, exposições — tudo acontece ali. Para a transformação deste espaço contribui o trabalho discreto e essencial dos seus funcionários, que desde 1992 acolhem o Festival.

Uma senhora com mais de 30 anos de ‘casa’ fala com orgulho do evento: “Desde que me lembro, o Festival acontece aqui. A escola devia estar vazia, porque os alunos estão de férias, mas está cheia de vida, cheia de gente, cheia de cultura. Vem gente de todo lado”. As semanas de montagem não são fáceis. Equipamentos a chegar, estruturas a crescer no recreio, técnicos a circular. “No início é sempre uma confusão”, relatam-nos uma auxiliar, afirmando que o resultado é uma mais-valia para Almada e para a Escola. O espaço onde costumam limpar, abrir salas, ou fazer rondas transforma-se num verdadeiro centro cultural.

Mas os funcionários não são só suporte técnico; são também público atento. Às vezes espreitam as peças, entre tarefas; conversam com artistas. “Já vi actores que só conhecia da televisão. Aqui, à minha frente. É uma sensação diferente”, afirma uma senhora, que insiste para que não ponhamos o seu nome neste texto. E no último dia comenta-se o anúncio do Espec-

táculo de Honra. “Ouvem-se os murmuri-nhos ao longo do dia: Quem vai ganhar?”, descrevem-nos. “Ver tudo a ser desmontado, custa”. Mas para o ano há mais.

RODRIGO MONDIM, estagiário



Restaurante da Esplanada

HOJE

Rissotto de cogumelos e frango no forno
Sardinhas fritas com salada de favas
Bolonesa de cogumelos

AMANHÃ

Empadão de carne
Choco guisado com puré
Feijoada de legumes